

Depois de duas semanas em São Luís revendo a família e os amigos, a deputada federal Roseana Sarney voltou a São Paulo para continuar o tratamento de saúde que já dura seis meses



Festejados com um jantar na Península os 83 anos de Ana Lúcia Fecury

PAGs 2 e 3



Mauro Fecury com sua amada esposa Ana Lúcia no jantar de comemoração dos 83 anos dela

Roseana Sarney está em São Paulo para concluir o tratamento de um câncer de mama

PAG. 3

Reprodução



JESSIE BUCKLEY



MARIA FERNANDA CÂNDIDO (BRASIL)



BRUNA MARQUEZINE (BRASIL)



TEYANA TAYLOR



CHLOÉ ZHAO



DEMI MOORE



ALICE CARVALHO (BRASIL)



ELLE FANNING

Grandes estrelas do cinema, premiadas ou não, elas brilharam intensamente no tapete vermelho do Oscar.

PAGs. 4, 5 e 6

O mar é a “estrada” que sempre esteve pronta, ao ponto de não escolher a diversificada freguesia de seu curso, na extensão de sua liquidez mansa ou enraivecida. Foi o hóspede imemorial de remotas embarcações fenícias – com suas carrancas de espantar espíritos – ou de Vikings, com seus belicosos chapéus de chifres, ou das expedições portuguesas que alargaram as esquinas do Mundo.

Tão querido é o mar por seus passageiros intemporais que a língua de Castela o transformou, carinhosamente, num substantivo feminino: “La Mar”...

Tão querida era “la mar” entre os que frequentavam as baías da Ilha de São Luís, centenas de barcos e vapores, como se vê nas telas dos pintores maranhenses da primeira metade do século passado, cuja lembrança tem o aroma de uma nostálgica maresia.

Os antigos romantizam o tempo passado e colecionam saudades até do que era um “bom suplício”. De um velhinho que se valeu do serviço de lanchas da travessia Cais da Sagração-Ponta d’Areia, até as duas primeiras décadas da outra metade do século 20, ouvi, certa vez, murmúrios de uma “saudades” idealizada:

– Era bom e era romântico atravessar a baía de São Marcos a bordo de uma canoa ou de um barco a vela num final de tarde estival, o sol se pondo por trás da Ilha dos Caranguejos...

Vivi em São Luís quase toda a segunda metade do século XX, um tempo em que a Lagoa da Jansen dava camarões médios e caranguejos grandes. E a baía de São Marcos colhia várias safras de peixes – ao contrário dessas geleias de algas, esses pudins de espumas que emergem das privadas.

O mar, esse empório outrora tão generoso, an-

OS PEIXES

ficam mais raros e caros quando se aproxima a Semana Santa

da refletindo a carranca dos tempos – e devolve ao homem o que o homem lhe impõe em ofensas químicas e em fezes.

Tão pródigo era o mar de antigamente que até um poeta amargo como Baudelaire dedicou-lhe um cantinho de seus raros afetos:

– Homme libre, toujours tu chériras la mer...

“Homem livre, sempre haverás de ser amigo do mar”. E, como a criatura de Hemingway – o velho pescador Santiago – Baudelaire tratava o mar como um “substantivo feminino” (La mer...), que era como o tratavam, em espanhol, os que verdadeiramente o amavam: La mar...

Se é mesmo mulher, o mar não tem sido dadivoso. “A Lua afeta o mar tanto quanto afeta as mulheres”, filosofava o velho Santiago. Mas mesmo um velho de fibra como aquela criatura idealizada estranharia o mar avaro e poluído de hoje.

O pescador maranhense se parece muito com aquele antigo artesão do mar que encontrei outro dia em São José de Ribamar. Olhos fundos, fitando o mar – assim mesmo, no masculino – com uma cava expressão de desencanto e orfandade. Aquele velho pescador anda desiludido com o seu antigo supermercado. O anzol do maranhense tem

mergulhado sem nenhuma esperança – e emerge virgem, como um espinho de interrogação.

Um sortido empório. Era assim que o pescador da Ilha de São Luís enxergava o “seu” mar há uns 40, 50 anos. Uma feira de nutrientes. Peixes de todos os tamanhos. Camarões, tainhas, peixe-pedra. Um atol repleto de peixes simples e nobres. Dignos. Robalo, pargos, camurupim, garoupa, pescada amarela, mas igualmente peixinhos triviais como peixe-serra, camurim, pescadinha, paru, anchova, curvina, manjuva.

Peixe na rede, antigamente, era um “acontecimento”. O estertor desses vertebrados aquáticos – os primeiros “alimentos” do homem, desde o Paraíso – propiciava um ritual à beira-mar, em meio a um balé agônico, com um cheiro de maresia temperado de areia.

A roda de curiosos fechava o anel em torno da rede, o balcão de negócios se instalava a preços sensatos, que pescador não é tubarão. O “atravessador” é que estragou tudo. E ainda sobravam umas sardinhas para forrar o estômago dos menos abonados, depois de passadas na frigideira e devoradas sob a alcunha de “defesa”. A defesa do pobre – e o remédio para apas-

centar a sua fome abissal.

Hoje os mares (e as lagoas) parecem meio mortos. Mares fechados, rugosos, avaros, sovinas.

O espetáculo da rede é agora um ritual quase raro, a chegada das canoas é uma procissão de silêncio e resignação. Os poucos peixes-pedra não pagam o trabalho de lançar a rede, muito menos de puxá-la com todos aqueles objetos poluentes e não-degradáveis. Porcarias extraídas das águas, como divertículos marinhos, “furúnculos” dessa nova era. Um pneu rasgado, a sola desbeichada de um Vulcabrás, mais parecendo um linguado vítima de uma trombose. Mais um galão de tinta, entupido de algas. Ou o tijolo verde de limo, excretado pelo polvo da construção civil.

O velho pescador de São José de Ribamar não reclama da sorte, mas sabe que tem que mudar de vida. A pesca “não tá dando nem pra mesa”. O peixe-pedra e os outros peixes de estação parecem ter se evadido para o alto mar. Há muitas luas ele não pesca um “daqueles” peixes de encher o barco de orgulho, tal é a escassez, no puçá, na tarrafa, na canoa de pesca.

Como o seu colega da Literatura, o velho de Ribamar sente-se na obrigação de desafiar o mar – ou abandonar a profissão. “Chega de morrer como peixe – sem ar, as guelras pulsando penosamente, como um vertebrado de escamas”.

Se o mar continuar sonogando peixe, o velho vai vender a canoa e comprar uma carrocinha de vender cachorro-quente. Ou quem sabe, vai vender pitombas na Praça João Lisboa, como sugeriu, certa vez, o saudoso e mordaz Joaquim Itapary. Antes, porém, vai consultar o Sebrae, para uma “pesquisa de mercado”.

Esses são os tempos. Em vez de peixe, o “hóti-dôgui” – ou o hambúrguer – de um globalizado microempresário.

Fotos/Divulgação/ Herbert Alves



O Repórter PH com os amigos Ana Lúcia e Mauro Fecury na residência do casal, na Península da Ponta d´Areia



Ana Lúcia Chaves Fecury com a cunhada Dirce Fecury Zenni e sua filha Verinha



Nazaré e Alberto Tavares Vieira da Silva



Lourdes e Eliézer Moreira Filho



Aldyneide e Moacir Fecury



Luiz Fernando Figueiredo e Ana Valéria



Luciana e Sérgio Tavares



Ana Elizabeth e Fábio Braga

BELA FESTA PARA ANA LÚCIA FECURY

Com uma recepção alegre, descontraída e um alto astral, o empresário Mauro de Alencar Fecury reuniu familiares e amigos para celebrar em grande estilo os 83 anos de sua amada Ana Lucia Chaves Fecury.

Os convidados foram brindados com um delicioso jantar de comidas árabes e um show intimista da cantora Teresa Canto, que escolheu um

repertório romântico bem ao gosto da aniversariante.

Além dos familiares, circularam por lá Eliézer Moreira Filho e Lourdes, Genoveva e Luiz Raimundo Carneiro Azevedo, Silvia e Sérgio Nogueira Santos, Sônia Matos, Luiz Fernando Figueiredo, Evandro Torres Carvalho, Rita e Phill Camarão, Nazaré e Alberto Tavares Vieira da Silva, Aziz Tajra Neto e Zélia Braga, entre muitos outros.



A família Fecury reunida em torno da aniversariante Ana Lúcia



Ana Lúcia Chaves Fecury soprando as velas do bolo de seus 83 anos



Sérgio Tavares e Luciana com os filhos, noras e genros



Fábio Braga, Phill Camarão, José Márcio Leite e Miguel Fecury



Ana Lúcia com as filhas Beth e Luciana



Ana Lucia Fecury com o filho Marco Antonio e a nora Daniela



Aldyneide e Moacir Fecury com Mirtes Fecury Bello Ferreira e o Repórter PH



Solange e Paulo Bacelar



Mirtes Fecury Bello Ferreira e o filho João Bello Ferreira Junior



Leonardo Antonio Fecury Braga e Sayure



Teresa Canto cantou e encantou com um repertório romântico



Fábio Braga entre Bernardino Neto e Luiz Fernando Figueiredo



Luiz Raimundo Carneiro Azevedo e Genoveva com os anfitriões



Verinha e Dirce Fecury Zenni com Miguel Fecury



O Repórter PH com Luiz Raimundo Carneiro Azevedo



As cunhadas Luciana Fecury Tavares e Carla Santos Fecury



Lourdes Moreira e Ana Lúcia Fecury



A sempre bela Cláudia Vaz dos Santos



Aziz Tajra Neto e Zélia Braga



Sônia Matos



Lidiane Farias



Ana Lucia Fecury com a neta Isabela

Direitos de crianças e adolescentes

Nova legislação estabelece diretrizes mais rigorosas sobre direitos de crianças e adolescentes no ambiente da internet. Entre as medidas, estão a exigência de verificação de idade e ferramentas de supervisão dos pais em redes e aplicativos

O ECA Digital, que entrou em vigor nesta semana, prevê a criação de mecanismos para que usuários comprovem ter mais de 18 anos para acessar sites de conteúdo pornográfico, de namoro, de bebidas alcoólicas e de tabaco.

Até agora, o acesso ocorre com autodeclaração da idade. As plataformas deverão ter serviços com grau mais elevado de proteção à privacidade e aos dados dessa população.

Direitos de crianças...2

Em lojas de aplicativos, o download por usuários com menos de 18 anos só poderá ocorrer com o consentimento dos pais e até reconhecimento facial via selfie. Em redes sociais, contas de menores de 16 anos devem estar vinculadas às de um responsável legal.

Sites e aplicativos voltados para esse público precisarão fornecer ferramentas de supervisão parental que permitam o monitoramento e a restrição de tempo e de horários de uso, além da limitação de comunicação com usuários não autorizados e o bloqueio de compras e transações financeiras.

Eles terão, ainda, de fazer avaliações periódicas sobre o impacto das funcionalidades na segurança física e mental dos jovens. Também será obrigatório remover e denunciar às autoridades conteúdos de exploração sexual, abuso, sequestro ou aliciamento.

Direitos de crianças...3

A análise de comportamento do usuário para o direcionamento de publicidade comercial para crianças e adolescentes passa a ser proibida.

E recursos como a reprodução automática de vídeos, que estimulam o uso excessivo, também são vedados, assim como a oferta de mecanismos de recompensa mediante pagamento em jogos voltados para essa faixa etária.

Outra proibição é da monetização ou do impulsionamento de conteúdos que retratem menores em contextos sexuais ou de forma erotizada.

Em caso de descumprimento, as sanções incluem advertências e multas que podem chegar a 10% do faturamento do grupo econômico no Brasil, com o valor limitado a R\$ 50 milhões por infração.

Em situações graves, as atividades da plataforma podem ser suspensas temporariamente ou até mesmo proibidas no país.

Direitos de crianças...4

Critérios de aplicação: para definir a sanção, a autoridade deve considerar a gravidade da infração, a reincidência, a capacidade econômica do infrator e o impacto social da medida.

Suspensão de atividades: em casos graves, as atividades das plataformas podem ser suspensas temporariamente ou até proibidas no país.

Mecanismos de bloqueio: caso as ordens de suspensão ou proibição não sejam cumpridas, elas serão executadas via ordens de bloqueio direcionadas a operadoras de telecomunicações, provedores de conexão e gestores de infraestrutura de internet.



DEPOIS de mais de seis meses tratando de um câncer agressivo no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, a deputada federal e ex-governadora do Maranhão Roseana Sarney passou duas semanas movimentadas recebendo parentes, amigos e correligionários políticos em São Luís e no último domingo voltou à capital paulista para continuar o tratamento com os maiores especialistas do país

Colaboração Premiada

A prisão do banqueiro Daniel Vorcáro colocou Brasília novamente diante de um roteiro conhecido: rumores de delação premiada, tensão entre instituições e temor de que um escândalo de corrupção se espalhe por Brasília.

Durante o programa Os Três Poderes, colunistas analisaram que o caso começa a produzir

um ambiente semelhante ao dos primeiros momentos da Operação Lava Jato — quando o sistema político passou a conviver com o risco de revelações em cascata.

No centro da crise aparece o Supremo Tribunal Federal, que já enfrenta desgaste institucional em meio às suspeitas e ao avanço das investigações.

Colaboração Premiada...2

Por que uma eventual delação preocupa tanto? A possibilidade de colaboração premiada de Vorcáro preocupa autoridades porque o banqueiro teria reunido ao longo dos anos relações e registros envolvendo figuras influentes.

Muitos em Brasília afirmam que ele se preparava para o pior

e teria guardado informações sensíveis sobre políticos e autoridades.

Isso cria um dilema: ao mesmo tempo em que a prisão aumenta a pressão para que ele delate, as condições do presidio dificultam a negociação de um eventual acordo com seus advogados.

Moda Vintage Masculina

Rapazes que gostam de moda um aviso: para andar dentro dela em 2010 aposte em looks antigos. Marlon Brando, James Dean, Clark Gable, Elvis Presley, Michael Jackson, Mick Jagger, enfim posso enumerar uma lista grande de fontes para vocês escolherem um look preciso. Ou faça o que lhe der na telha. Pesquise imagens, veja filmes, assista clipes e homenageie aqueles astros que você por um motivo ou outro acha bacana. Vale até vasculhar os baús de fotos antigas para ver como seu avô ou aquele tio doidão que você adora se vestia, ok?

O que importa na reedição

das modas do passado é uma interpretação livre, sem ser caricata. Para não errar, pense que seu modo de vida tem que pesar bastante. Com esses dados em mãos go boy go!

Para apimentar... Um vídeo que eu fiz com o modelo francês Baptiste Giabiconi, um dos mais cotados do momento. Ele é o garoto Chanel, o homem que participa e desfila das campanhas da marca ao lado de tops como Claudia Schiffer, Lara Stone, etc... Assista o encontro casual e curta o jeito que ele está vestido, também uma maneira antiga. Vintage é a palavra de ordem...



The Trench Coat

Do inglês trench “trincheira” e coat “casaco”. Casaco de estilo militar, com dragonas nos ombros e pala dupla, que podia ser abotoada, usado desde o século XVIII. O Trench Coat possui características claramente funcionais, um de gabardine cáqui é o clássico. A marca Burberry criou para o British Royal Flyings Corps, precursor da Força Aérea Britânica, no decorrer da Primeira Guerra Mundial e este bastante detalhado, possuía ampla pala atrás, assim como ombreiras, abas afiveladas nos punhos e em um dos ombros e

grandes bolsos com lapela. Na cintura, era usado um cinto com peças de metal em formato de D, para prender apetrechos militares.

Quando voltavam para casa os soldados encurtavam seus Burberry’s para o uso diário e o resultado disso é que a peça se tornou uma instituição britânica, uma constante nos filmes noir e uma peça dita como permanente na Moda.

Quando você veste um Trench Coat o que está por baixo não é tão importante, repaginado para os trópicos você pode encontrar em tecidos e preços variados.



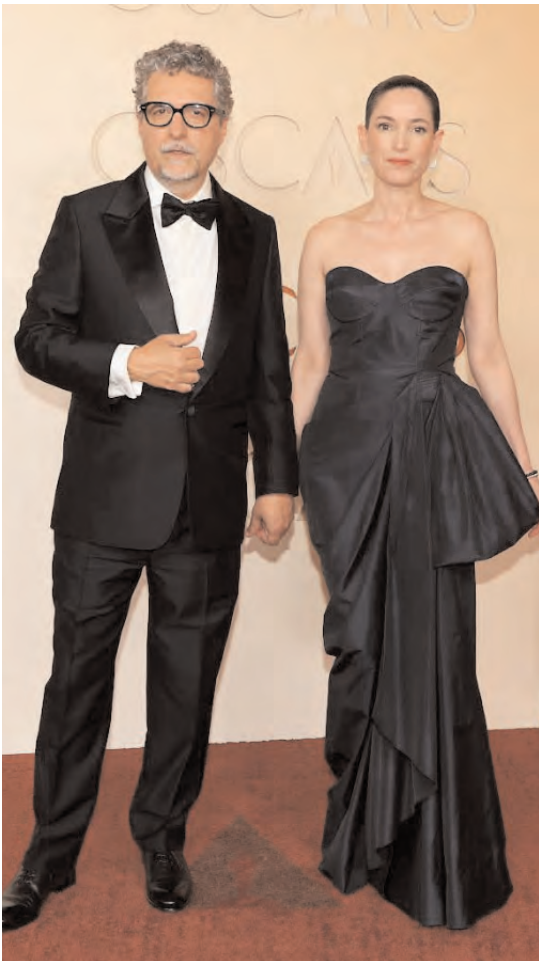
O brasileiro Wagner Moura, indicado por O Agente Secreto, com a esposa Sandra Delgado



Melhor Atriz, Jessie Buckley usou uma criação Chanel em vermelho e rosa



Melhor Ator, Michael B. Jordan usou um terno Louis Vuitton



Kleber Mendonça Filho (O Agente Secreto) e esposa Emilie Lesclaux

OSCAR: DESFILE DAS ESTRELAS

Antes da cerimônia de entrega de prêmios, o desfile das estrelas do cinema fez-se à porta do Dolby Theatre, em Los Angeles

O tapete vermelho do Oscar é definitivamente a noite de Hollywood que lembra ao mundo por que o cinema e a moda sempre caminharam de mãos dadas. A maior noite de Hollywood teve uma passeadeira vermelha cheia de penas.

Aliás, a 98.ª edição dos Oscars foi uma noite de “muitas penas”. A grande noite do cinema foi também uma festa da moda na passarela vermelha do Dolby Theatre, em Los Angeles. Antes de receberem as cobiçadas estatuetas da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, as estrelas da sétima arte desfilaram as mais exclusivas criações de moda e houve de tudo um pouco: brilhos, volumes, folhos, alguma cor e muitas penas.

A Noite do Oscar, no último domingo, dia 15, voltou a ser aquilo que sempre prometeu: um território de sonho, espetáculo e imaginação em que roupa não é apenas roupa, mas sim narrativa. “A moda é o primeiro discurso antes mesmo da primeira fala”, já diria Giorgio Armani ao comentar o poder simbólico do red carpet. E poucas passarelas no planeta têm tanto impacto quanto a que antecede a cerimônia da Academy Awards.

Ali, sob os flashes que viajam o mundo em segundos, Hollywood pautava desejos, tendências e até o humor estético das próximas temporadas.

Óscares 2026:

As expectativas eram especialmente elevadas para as indicadas para Melhor Atriz. A primeira a chegar foi Rose Byrne, protagonista de Se Eu Tivesse Pernas, Dava-te um Pontapé, que elegeu um visual inspirado por um modelo de alta-costura Dior de Jonathan Anderson. O vestido preto de veludo é bordado com flores na zona da saia e no busto, mostrando o trabalho manual do atelier parisiense – a Dior vestiu, ainda, atrizes como Mia Goth, Priyanka Chopra ou Mikey Madison.

Já Jessie Buckley, protagonista de Hamnet, elegeu um dos vestidos mais coloridos da noite: um modelo de chiffon cor-de-rosa com uma capa vermelha a revelar os ombros. Trata-se de uma criação de Matthieu Blazy da Chanel, que se estreou enquanto diretor criativo da maison nesta edição dos Oscars. “Gostávamos de transmitir um ar descontraído, mas clássico e elegante”, declarou a atriz à revista Vogue, revelando a inspiração para o visual: o vestido que Grace Kelly usou nos Oscars

de 1956, assinado por Edith Head.

Menos impactante foi a escolha de Emma Stone, que voltou a vestir Louis Vuitton, depois de, em 2024, o seu vestido ter se rasgado no momento de subir ao palco para receber a estatueta. A atriz, indicada por Bugonia, usou um modelo de silhueta esguia repleto de pedraria, mas sem quaisquer detalhes no design. Também Renate Reinsve, estrela de Valor Sentimental, recorreu à Louis Vuitton num vestido de corte assimétrico em vermelho.

A terminar a ronda das protagonistas, Kate Hudson usou o vestido mais previsível entre as cinco indicadas: um modelo Armani Privé em pedraria azul de silhueta peplum. Mas talvez a atriz de Song Sung Blue tenha desculpa, já que escolheu o vestido na manhã de domingo, poucas horas antes da cerimônia que, neste ano, foi mais cedo do que o habitual. “Era tão importante para mim que sentisse que não ia ter qualquer ansiedade em relação ao vestido”, explicou na passarela vermelha, onde foi acompanhada pela mãe, a atriz Goldie Hawn.

São penas, senhor

Mais arrojada foi Teyana Taylor de Uma Batalha Após a Outra que se destacou nesta temporada de prêmios pelas escolhas de moda: do vestido Schiaparelli com uma tanga nos Globos de Ouro ao dramático modelo Burberry nos Bafta. Mas guardou o trunfo para o final com um vestido Chanel preto e branco repleto de penas na saia, mas bordado também com pérolas e cristais, revelando ainda transparências na zona da barriga – pode parecer muita informação, é certo, mas o resultado final foi um dos mais aclamados da noite.

As penas foram mesmo a principal tendência da noite e o prêmio do modelo mais dramático vai para Demi Moore (quando jovem jantou na casa deste Repórter PH, no Calhau, após estrear Proposta Indecente) com uma peça feita sob medida da Gucci. A criação do excêntrico Demna Gvasalia faz lembrar o Cisne Negro, mas em tonalidades de verde, com as penas quase a se aproximarem do rosto da atriz.

Ainda nessa categoria está Nicole Kidman, que também vestiu Chanel num modelo em tom nude que misturava as penas com as lantejoulas na zona do busto, que abria em corte peplum, destacando a

cintura da atriz. A criação de Matthieu Blazy, que vestiu pelo menos meia dúzia de celebridades, foi inspirada na sua primeira coleção de alta-costura, apresentada em janeiro. Kidman estava sentada na primeira fila do desfile em Paris e, quem sabe, fez a sua escolha nesse mesmo dia.

Vestidos que contam histórias

Sim, porque há celebridades que quase desenham os seus vestidos em conjunto com as casas de moda, como foi o caso de Elle Fanning, indicada por Valor Sentimental, que confessou à revista Vogue que andou estudando os vestidos “mais emblemáticos” da história dos prêmios e chegou à conclusão de que eram todos modelos “atemporais”.

Foi isso que pediu a Sarah Burton da Givenchy, que também contou parte da história da sua infância no vestido em tule branco com detalhes em prateado. “Quando era criança, a casa onde cresci tinha uma treliça de glicínias que florescia na Primavera. Lembro-me de pensar que era a coisa mais bonita do mundo quando as pétalas caíam e formavam uma nuvem lilás no chão”, descreveu. As pétalas foram bordadas uma a uma no atelier da Givenchy na zona do busto e na saia de tule – quase ao estilo de uma noiva.

E, por falar em branco, foi essa a escolha do ator Timothée Chalamet. A estrela de Marty Supreme usou um terno branco também da Givenchy que combinou com uns botins na mesma tonalidade. Como é habitual, Chalamet pisou sozinho a passarela vermelha e a namorada, Kylie Jenner, esperava-o no interior do Dolby Theatre, usando um vestido vermelho Schiaparelli.

Entre os atores, Michael B. Jordan voltou a roubar atenções com um conjunto Louis Vuitton de inspiração asiática. O protagonista de Pecadores foi o último a pisar a passarela vermelha e quase chegou atrasado à cerimônia. Lá dentro já estavam outros indicados, como Leonardo DiCaprio com o seu habitual smoking preto, da Dior, Timothée Chalamet, usou um terno Givenchy, Jacob Elordi foi com um terno Bottega Veneta ou o brasileiro Wagner Moura, que vestiu um terno Hermenegildo Zegna.

A seguir, acompanhe o desfile de celebridades na passarela vermelha do Dolby Theatre.



Maria Fernanda Cândido (de O Agente Secreto)



A atriz Bruna Marquesine



O ator Gabriel Leone (de O Agente Secreto)



A atriz Alice Carvalho (brasileira)

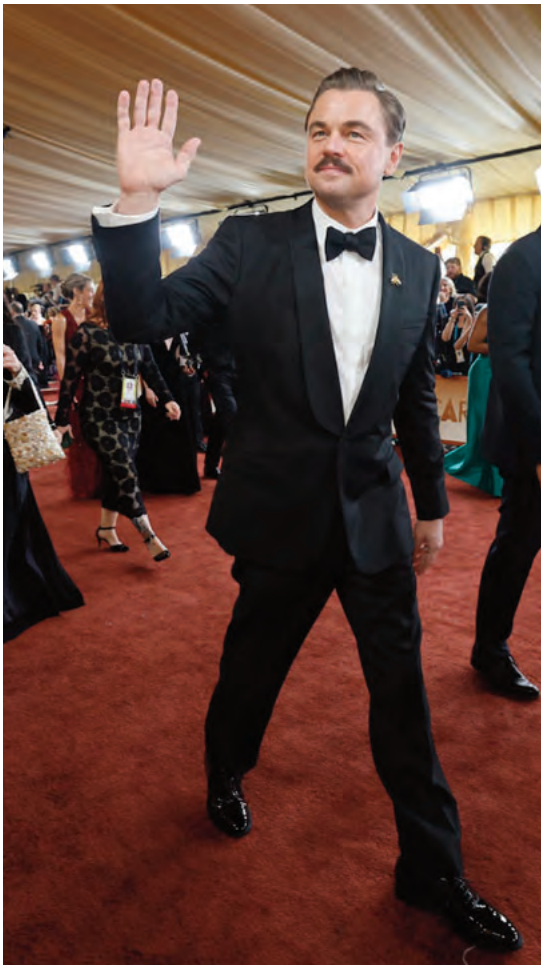


Nicole Kidman usou uma criação de Matthieu Blazy da Chanel



Demi Moore com um vestido Gucci, repleto de penas

Fotos/Divulgação



Leonardo DiCaprio vestiu um smoking



Timothée Chalamet usou um terno branco Givenchy



Paul Mescal, de Hamnet, veste Celine



O brasileiro Adolpho Veloso perdeu o prêmio de Melhor Fotografia para Pecadores

PONTO DE VISTA

Hollywood correndo atrás dos Óscares

Podemos começar por dizer que – sem desprimor para a excelente atuação do vencedor, Michael B. Jordan, nem para com os outros indicados – Ethan Hawke foi injustiçado nos Óscares de 2026?

É uma piada, claro, mas é também reveladora da discrepância que continua a existir entre o que os Óscares são e o que queremos (ou gostaríamos, ou sonharíamos – insiram o vosso próprio verbo) que eles sejam.

Paul Thomas Anderson dixit: “Em 1975, os cinco indicados para melhor filme foram Barry Lyndon, Nashville, Voando sobre um Ninho de Cucos, Tubarão e Um Dia de Cão. Não há um ‘melhor’ entre eles.” Há toda uma máquina mediática em torno dos prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas que os transforma numa “corrida de cavalos” com apostas e favoritos, atualizações semanais ou diárias das probabilidades, análises detalhadas e previsões. Os Óscares, que sempre foram um prêmio de indústria (conformado à visão monolítica de uma indústria americana que se impôs ao mundo), tornaram-se em marketing; e o cinema no meio disto? Blue Moon, que valeu a Hawke a indicação para Melhor Ator, apenas recebeu uma outra indicação, para argumento; e, contudo, filme mais perfeito para a ideia que os Óscares fazem de si mesmos era impossível.

Ainda assim: Uma Batalha Após a Outra e Pecadores que dividiram salomonicamente os prêmios principais (ao ponto de um receber o galardão de argumento adaptado e o outro o prêmio de argumento original...) representaram uma estranhíssima contradição da Hollywood de hoje. Dois filmes “de autor”, na medida em que Paul Thomas Anderson e Ryan Coogler fizeram exatamente os filmes que queriam fazer, histórias sobre os lados negros e as promessas por cumprir de

uma América de liberdade, igualdade e fraternidade, num momento em que os grandes estúdios estão cada vez mais hostis a filmes que saiam da caixa. Dois filmes que não passaram pelos árbitros do gosto que são os festivais de cinema, mas que fizeram o pleno do sucesso crítico e público e que centraram o discurso global de 2026; filmes que se inscrevem numa linhagem e numa linguagem do cinema americano herdada das liberdades e dos riscos da nova Hollywood e que não se conformam a fórmulas mais ou menos resolventes.

A ironia é que o sucesso da Warner com estes dois filmes teve qualquer coisa de “último hurra” num momento em que o estúdio, conhecido precisamente pelas suas cartas brancas, está à beira de ser absorvido por uma Paramount muito pouco dada ao risco e perigosamente próxima da atual administração americana.

Mas os Óscares, por mais internacionais que os seus eleitores se tenham tornado, são acima de tudo um reflexo da indústria americana e do modo como ela se comporta, ora como o caranguejo (por cada passo em frente dá dois para o lado) ora como a avestruz (enfia a cabeça na areia à espera que a tempestade passe).

Repare-se como, este ano, festivais como Cannes e Veneza não serviram minimamente de “augúrio”: é só olhar para a corrida de melhor filme internacional e ver que, quando podiam ter votado em Kaouthar Ben Hania (A Voz de Hind Rajab foi premiado em Veneza), ou nos fenômenos de Cannes Foi Só Um Acidente, Sirât, e (sobretudo) O Agente Secreto, de Kleber Mendonça Filho (que completava com Pecadores e Uma Batalha Após a Outra o triunvirato de filmes “do momento” sobre “o momento”), os eleitores da Academia escolheram o filme mais “seguro” de todos, Valor Sentimental (que também vinha de Cannes, mas nunca

entusiasmou os observadores como os outros).

Parece o axioma do futebolista Gary Lineker (comentarista esportivo inglês e ex-jogador de futebol profissional): “22 homens correm atrás de uma bola durante 90 minutos e depois são sempre os alemães que ganham”, nesse caso os escandinavos.

É isto que os Óscares fazem: dão com uma mão e tiram com a outra, dão palmadinhas nas costas uns aos outros por terem manifestado a sua atenção ao mundo que os rodeia – e depois distribuem o mal pelas aldeias de modo aleatório mas que teimamos em querer ler como ciência, tal como em tempos se falava de “Kremlinologia” para tentar perceber o que se escondia por trás da Cortina de Ferro.

Steven Spielberg fez questão de defender ardentemente Hamnet, de Chloé Zhao, como o tipo de filme que é importante continuar a existir nas salas de cinema, mas a Academia não se deixou convencer pelo filme (reconhecendo ainda assim a irrefutável interpretação de Jessie Buckley) e, de caminho, também ignorou olímpicamente Josh Saffdie e o seu Marty Supreme.

Ao mesmo tempo, por entre uma seleção de longas-metragens de animação representantes de uma vasta gama de estilos e técnicas, a estatuetta foi para a única que contornou o circuito de salas e se constituiu como um “conteúdo de massas” no ponto de rebaçado do algoritmo – K-pop Demon Hunters (Guerreiras do K-Pop, vencedor da categoria de Melhor Longa Animação).

O filme se tornou rapidamente um sucesso no mundo todo, liderando os rankings globais da Netflix com mais de 33 milhões de visualizações em apenas duas semanas, alcançando o top 10 em 93 países.

ABC não foi um prêmio de cinema, foi um reconhecimento de sucesso. A indústria ganha sempre do cinema. É por isso que os Óscares nunca são o que gostaríamos que fossem.



Teyana Taylor, estrela de Uma Batalha Após a Outra, usou um dos vários modelos com penas da noite, criação da Chanel



Emma Stone usou um vestido Louis Vuitton



Kate Hudson, nomeada por Song Sung Blue, veste Armani Privé



O diretor Spike Lee, acompanhado da mulher, Tonya Lewis Lee



Arden Cho chamou a atenção com um look de alta-costura da Miss Sohee, composto por um vestido sereia de renda preta e mangas volumosas em seda esmeralda.



Wunmi Mosaku, indicada por Pecadores, usou um vestido Louis Vuitton



Chloé Zhao, indicada para Melhor Diretora por Hamnet, usou uma criação inusitada de Gabriela Hearst

Fotos/Divulgação/Instagram



A atriz norueguesa Renata Reinsve vestiu Louis Vuitton



Chase Infiniti, de Uma Batalha Após a Outra, vestiu Louis Vuitton



Elle Fanning, estrela de Valor Sentimental, usou vestido da Givenchy



Rei Ami, de Guerreiras do K-Pop

Uma Batalha Após a Outra

Uma Batalha Após a Outra é inspirado em Vineland, obra densa e surtada de Thomas Pynchon que desenha os EUA na época de Reagan como um ambiente movido pela televisão, drogas e resquícios do movimento hippie. Menos uma adaptação e mais uma nova interpretação de quais são os campos de batalha do país hoje em dia (imigração, polícia e, bom, drogas), o

filme toma a decisão mais do que consciente de transportar os elementos daquela narrativa para o cenário pra lá de conturbado da política no Século 21. Enquanto palavras como “republicano” e “democrata” jamais são proferidas, a força que sublinha cada instância de Uma Batalha vem de uma frustração visível com os dilemas modernos, e uma preocupação ainda maior com o que vem depois.

“Ser ou não ser. eis a questão”

Eis um espetáculo doloroso sobre luto, legado e eternidade – assim é Hamnet, um drama sobre a família de William Shakespeare. Nele, a irlandesa Jessie Buckley está simplesmente extraordinária. Acostumada a papéis intensos, percorre nesse filme uma jornada completa: da leveza ao caminhar

pelas árvores à maternidade sábia e carinhosa, até o luto devastador pela perda do filho para a peste bubônica. Sua força em cenas como o parto, a tentativa de salvar a criança e a primeira montagem de Hamlet é arrebatadora. Nenhuma atuação do ano chegou perto do que Buckley entrega em Hamnet.

Irmãos gêmeos em Pecadores

É simplesmente arrebatadora a atuação de Michael B. Jordan em Pecadores, interpretando os irmãos gêmeos Fumaça e Fuligem que voltam à sua cidade natal com o objetivo de reconstruir a vida e apagar um passado conturbado. Esses acontecimentos, porém, voltam a atormentá-los quando uma força maligna passa a persegui-los, trazendo para a superfície medos e traumas.

Esse mal busca tomar conta da cidade e de todos os cidadãos, obrigando-os a lutar para sobreviver. Mais do que contornar os demônios dominadores e famintos por poder (e sangue), Smoke e Stack (Michael B. Jordan) terão que lidar com as lendas e os mitos ameaçadores que podem estar por trás desse terror. Pecadores traz um thriller intenso com elementos sobrenaturais numa história repleta de mistérios.

Elegância brasileira no Oscar

Se o Oscar entregasse um prêmio para o mais bem vestido, provavelmente seria o prêmio mais disputado da noite. A equipe de O Agente Secreto, filme brasileiro indicado em quatro categorias, chegou nos primeiros momentos do tapete vermelho. O diretor Kleber Mendonça Filho e sua esposa, Emilie

Lesclaux, produtora do longa, desfilaram de preto – mesma cor escolhida pela atriz Maria Fernanda Cândido e pelo protagonista do filme, Wagner Moura, que chegou acompanhado da esposa, Sandra Delgado, também de preto. Também de preto estava Adolpho Veloso, que concorreu ao Oscar de Fotografia.

A história de dona Tânia Maria

É da minha avó que lembro quando penso naqueles conjuntinhos de tapetes artesanais que enfeitam banheiros de tantas famílias brasileiras.

A confissão é da jornalista Kelly Matos – mas também poderia ser de qualquer um de nós –, para lembrar que era fazendo esses tapetes que dona Sebastiana Maria de Medeiros ganhava a vida, em um pequeno povoado da região do Seridó, no Rio Grande do Norte. Produzia peças junto da filha Shirley, com duas máquinas de costura industriais. Foi ela, aliás, quem criou a filha sozinha, sem ajuda do pai. O que nem ela, nem a menina poderiam imaginar é que a vida reservava uma virada improvável pelas lentes de Kléber Mendonça Filho.

Aos 72 anos dona Tânia Maria estreou nas telonas, como figurante no aclamado Bacurau. Kleber encantou-se pela atriz, até então artesã de tapetes.

Em 2025, Dona Tânia encantou o público e críticos do cinema mundial ao interpretar Dona Sebastiana, em O Agente Secreto. Da Associação de Críticos de Santiago de Compostela, recebeu o prêmio de melhor atriz coadjuvante. Foi chamada de “estrela” e “ícone do

Brasil” pelo The New York Times. Teve o nome citado e aplaudido no palco do Museu da Academia do Oscar, em Los Angeles.

No longa-metragem ambientado em 1977, a artesã de Santo Antônio da Cobra, no semiárido do Rio Grande do Norte, interpreta uma anfitriã afetuosa e bem-humorada que acolhe perseguidos políticos em um edifício do Recife. É ali que o caminho da personagem cruza com o de Marcelo (Wagner Moura), o protagonista – formando uma dupla com química e sintonia, dentro e fora da tela.

A história de dona Tânia Maria tem algo de profundamente brasileiro: nasce do esforço de uma trabalhadora, da persistência cotidiana em criar uma filha sozinha e da incrível disposição de aceitar um desafio novo aos 72 anos. Talvez esteja aí uma lição valiosa. A vida raramente se organiza em linhas retas e quase nunca respeita o planejamento que traçamos.

É por isso que hoje, ao falar sobre a festa do Oscar, decidimos celebrar também a dona Tânia Maria, uma artesã que se descobriu atriz depois dos 70 e, agora, com 79 anos, conquistou o mundo pelo seu talento, entrega e carisma!



Zoë Saldaña, Melhor Atriz Coadjuvante em 2025, usou um vestido Saint Laurent



Audrey Nuna de Guerreiras do K-Pop veste Thom Browne



A atriz Mckenna Grace veste Vera Wang



Rose Byrne, uma das indicadas da noite, usou Dior



A atriz Gwyneth Paltrow, que jantou na mesa ao lado da minha no restaurante Pierre Gagnaire, em Paris, usou um modelo revelador da Armani Privé



Amy Madigan, vencedora do Óscar de Melhor Atriz Coadjuvante



A atriz canadense Odessa Ray vestiu Maison Margiela



Jayme Lawson de Pecadores um vestido Loewe



A atriz Anne Hathaway usou uma criação de Alessandro Michele para a Valentino



A poeta Laura Amélia Damous Duailibe

AS MANHÃS TRÊMULAS NA POESIA DE LAURA AMÉLIA

Academia Maranhense de Letras (AML) abre suas portas na próxima quinta-feira (26 de março) para um encontro com a palavra em estado de vertigem. Às 18h30, será lançado O tempo das manhãs trêmulas (Editora 7Letras), sexto livro da poeta e acadêmica Laura Amélia Damous, vice-presidente da instituição, uma autora que, ao longo de décadas, tem construído uma obra marcada pela concisão, pelo rigor e pela escuta profunda do sensível.

O novo livro reafirma uma poética que se move entre o silêncio e o abismo. Como destaca o poeta e jornalista Fernando Abreu no prefácio, a obra nasce de uma defesa serena e quase obstinada da emoção como motor da poesia. Não uma emoção derramada ou retórica, mas aquela que “dispara o mecanismo do poema” e encontra, no leitor, sua continuidade. Para ele, os textos de Laura Amélia são fruto de uma experiência poética “pessoal e intransferível”, que se oferece como resíduo estético de uma vivência íntima e profundamente trabalhada.

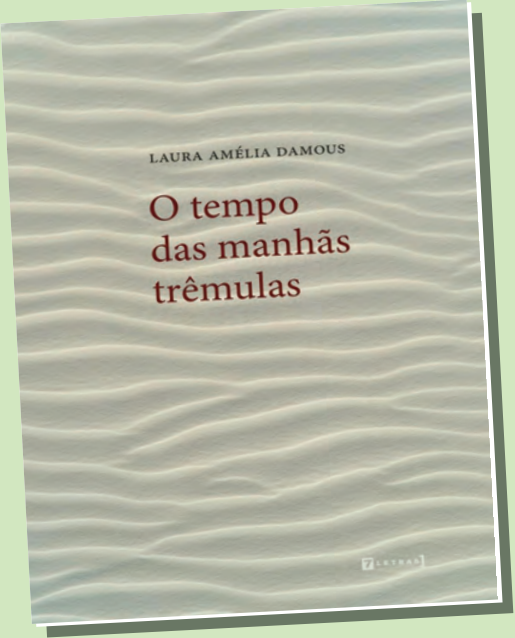
Essa mesma percepção ecoa na apresentação editorial do livro, que sublinha a maturidade dos poemas sem que se perca “a vertigem do primeiro assombro”. A memória, elemento central da obra, surge não como vitrine, mas como fluxo – “rio” que atravessa infância, afetos e paisagens, onde convivem o Turi maranhense, as figuras parentais e a presença constante dos vivos e dos mortos nas frestas da lembrança. Entre a casa e o cosmo, entre o íntimo e o universal, a poeta desenha um inventário do sensível, onde a noite se materializa, a religiosidade se tensiona e a

linguagem busca, sempre, o ponto exato entre contenção e intensidade.

Na orelha do livro, esse percurso é sintetizado como uma travessia: os poemas compõem “uma casa arejada de muitos cômodos”, onde o leitor transita sem medo de se perder – e, se se perde, retorna “mais vivo”, conduzido pela voz singular da autora. Trata-se de uma poesia que se sustenta na tensão entre serenidade e tremor, aceitação e rebeldia, como sugere o próprio título da obra.

Nascida em Turiaçu, em 1945, Laura Amélia Damous construiu uma trajetória sólida na literatura e na vida cultural do Maranhão. Autora de livros como Brevíssima canção do amor constante, Arco de Tempo, Traje de luzes, Cimitarra, Arabesco e Inventário dos sentidos, teve obras ilustradas por importantes artistas plásticos maranhenses e participou de relevantes antologias nacionais. Além da atuação literária, exerceu funções públicas de destaque, como diretora do Teatro Arthur Azevedo, secretária de Cultura do Estado e superintendente de Municipalização. Sua escrita, reconhecida pela unidade temática e formal, atravessa décadas mantendo fidelidade a uma voz própria, avessa a modismos e ancorada na experiência do sensível.

O lançamento de O tempo das manhãs trêmulas acontece na sede da Academia Maranhense de Letras, localizada na Rua da Paz, 84, Centro. O evento é aberto à comunidade e promete ser mais que uma sessão de autógrafos: um convite à escuta, ao silêncio e à travessia que a poesia, quando verdadeira, ainda é capaz de oferecer.



O tempo das manhãs trêmulas

onde foi o tempo
que me assentava
pedra argamassa
plantada como pé de jaca
abundante transbordante
seiva gomo
onde foi o tempo
que alimentava escancarada fome
nunca saciada
onde foi o tempo
crescendo
derramando o que de tudo
me esperava em
líquida agonia



Helena Castro na Grand Vía, em Madri



Em visita ao Museu do Jamón, em Madri



Em visita a Tunes, na Tunísia

MARIA HELENA CASTRO E ‘A ARTE DE VIAJAR’

Em seu livro “A Arte de Viajar” (The Art of Travel), Alain de Botton oferece uma reflexão filosófica sobre o ato de viajar, focando menos nos destinos turísticos e mais na experiência interna e na psicologia do viajante.

O autor ensina que a arte de viajar não é apenas sobre o deslocamento geográfico, mas sim sobre como olhamos o mundo e a nós mesmos, transformando a viagem em uma experiência de autoconhecimento.

Botton explora como a expectativa de uma viagem muitas vezes difere da realidade. Ele ensina que o “prazer” de viajar está em aceitar o inesperado e o imperfeito, indo além das fotos perfeitas de guias turísticos. E incentiva uma postura de curiosidade, sugerindo que devemos ser receptivos ao ambiente, tanto urbano quanto natural, para encontrar beleza em lugares inusitados.

Inspirado por pensadores, Botton argumenta que a viagem nos permite fazer perguntas sobre o mundo e nós mesmos, tornando-nos menos entediados e mais conectados com a cultura local, novas pessoas e diferentes paisagens. A viagem é descrita como uma oportunidade de sair da zona de conforto e experimentar novas culturas, conversando e conhecendo pessoas reais, o que amplia horizontes.

O autor sugere que retornar a lugares conhecidos pode nos fazer perceber mudanças em nós mesmos, em vez de apenas ver o que mudou no local.

Em suma, Alain de Botton ensina que a verdadeira “arte” é manter uma mente curiosa e receptiva, tornando a viagem uma extensão da nossa busca por felicidade e entendimento da nossa própria vida.

Adepta dessa filosofia, a professora aposentada Maria Helena Araújo Castro, da Universidade Federal do Maranhão, dedicou mais da metade do século XX a viagens pelo mundo com o marido Armando Castro, que foi, durante muitos anos, representante consular da Espanha no Maranhão e faleceu há 13 anos, deixando plantada essa semente que Helena nunca parou de regar.

“Se nossas vidas são dominadas pela busca da felicidade, talvez poucas atividades revelem tanto a respeito da dinâmica desse anseio – com toda a sua empolgação e seus paradoxos – quanto o de viajar. Ainda que de maneira desarticulada, ele expressa um entendimento de como a vida poderia ser fora das limitações do trabalho e da luta pela sobrevivência”, ensina Botton.

Desde que ficou viúva, Maria Helena deixou de lado a movimentada vida social que marcou sua agenda na segunda metade do século passado, quando era presença assídua nos mais badalados acontecimentos sociais de São Luís. E optou por se dedicar mais aos filhos Livia Helena e Armando e aos netos, sem, contudo, renunciar ao eterno prazer de viajar. Quando Armando era vivo, a casal fazia pelo menos duas viagens por ano para conhecer novos lugares, ter contato com outras culturas e rever paisagens que ficaram guardadas na memória para sempre.

Ensina Alain de Botton: “Se o mundo é injusto ou está além de nosso entendimento, os lugares sublimes sugerem que não surpreende que as coisas sejam assim. Somos joguetes das forças que criaram os oceanos e moldaram as montanhas. Lugares sublimes nos levam gentilmente a reconhecer as limitações que, de outra forma, poderiam nos

causar ansiedade ou raiva no curso comum dos acontecimentos. Não é apenas a natureza que nos desafia. A vida humana não é menos devastadora, mas são os vastos espaços naturais que talvez nos ofereçam o melhor e mais respeitoso lembrete de tudo o que nos transcende. Se passarmos algum tempo com eles, talvez nos ajudem a aceitar com mais elegância os grandes e inconcebíveis acontecimentos que molestam nossa vida e nos retornarão, inevitavelmente, ao pó”.

Aliás, estabelecer relações entre a filosofia e as situações da vida cotidiana é a marca registrada de Alain de Botton, e isso fica bem claro para quem lê A Arte de Viajar. Entre narrativas das aventuras de Baudelaire, Humboldt, Van Gogh e outras grandes personalidades históricas, o criador da School of Life conta suas próprias experiências de viagem e tenta compreender as motivações que nos levam a sair de casa rumo ao desconhecido.

E assim Alain fornece a bagagem imprescindível para o pensamento e dá sua contribuição para que as jornadas sejam, acima de tudo, mais felizes.

Esta semana, sem conversarem há mais de dez anos, embora morando na mesma cidade, este Repórter PH teve um reencontro inusitado, numa clínica de saúde, com a amiga Maria Helena Araújo Castro, hoje com 88 anos e ainda planejando novas viagens.

Não houve tempo para longas conversas, mas nos despedimos com o coração inundado de lembranças que nunca se apagam.

Nesta edição, fotos de uma das mais recentes viagens que Maria Helena fez por países da Europa, da África e das Américas – do Norte e do Sul.



No mar Mediterrâneo, a bordo do MSC World Atlantic, uma combinação única de design europeu e conforto americano. Este navio reúne culturas, sabores e gerações, assim como o Oceano Atlântico une continentes



Com Armando Castro Filho, no Porto de Tunes, na Tunísia, embarcando no MSC World Atlantic para um cruzeiro no Mediterrâneo



Em Malasaña, nos arredores de Madri, jantando com o ex-Cônsul da Espanha em Salvador, D. Vicente

Fotos/Divulgação/



Pedro Salgueiro, à direita, representando a Granorte, com grupo formado por Antônio Mendes (PA), Clodomar Quintino (PA), Dyego Pinheiro (MA), Fernando Pancieri (PA), Guido Fernandes (PA) e Breno Flexa (AP)



Pedro Salgueiro com Guido Fernandes, do Pará, e Dyego Pinheiro, do Maranhão

GRANORTE DE OLHO NO FUTURO

A Granorte marcou presença na Conexpo 2026, em Las Vegas (EUA), a maior feira de construção da América do Norte, com o executivo Pedro Salgueiro representando a empresa. O evento reuniu mais de 140 mil profissionais e trouxe o que há de mais moderno no setor, com destaque para inteligência

artificial, máquinas autônomas e eletrificação.

De olho no futuro, a participação foi uma oportunidade estratégica para a Granorte se conectar com parceiros internacionais e mostrar a força do Maranhão como um polo em crescimento na indústria e tecnologia.

Escolinha de Futebol

Em São José de Ribamar, na região do bairro do Pindaí, a Escolinha de Futebol CTM tem sido um espaço importante para essa transformação. Nesse mês dedicado às mulheres, o projeto social celebra o crescimento da participação feminina nas atividades e destaca duas jovens atletas que simbolizam esse novo momento: Lorrany Santana Abreu de 13 anos, e Luana do Nascimento da Silva de 12 anos, que treinam sob a orientação do professor Hilton Soares.

Talento e dedicação

Dentro de campo, as duas chamam atenção pelo talento e dedicação nos treinos feitos junto com os meninos. Fora dele, pelo comportamento exemplar, compromisso com

os estudos e espírito de equipe, características que reforçam a missão da escolinha: formar não apenas atletas, mas cidadãos conscientes e preparados para a vida.

Dada Yute em São Luís

A cena reggae de São Luís se prepara para viver um momento histórico. Neste sábado (21), o Roots & Vibes promete reunir grandes nomes do gênero em uma noite marcada por vibração, cultura e muita conexão com as raízes jamaicanas. O grande destaque da programação é a presença de Dada Yute, atração nacional que se apresenta pela primeira vez na capital maranhense com show completo.

Com mais de 15 anos de carreira, Dada Yute construiu uma trajetória sólida dentro e fora do Brasil. O artista já levou seu som para mais de 10 países, com passagens por

palcos na Europa, América Latina e até na Jamaica, berço mundial do reggae, consolidando sua conexão direta com as raízes do gênero.

Presença no The Voice Brasil

Recentemente, ele ganhou projeção nacional ao participar do reality musical The Voice Brasil, onde chamou atenção ao apresentar versões em reggae de clássicos da música brasileira, reforçando sua versatilidade e identidade artística.

Além da carreira autoral, Dada Yute também se destaca por projetos especiais e releituras que aproximam o reggae de outros estilos. Entre eles, tributos e interpretações marcantes de artistas como Djavan e Cássia Eller, sempre com uma abordagem moderna e conectada às influências jamaicanas.



Felipe Ribeiro estava curtindo dias especiais em Mendoza, durante a animada Fiesta Nacional de la Vendimia, ao lado da esposa e amigos. Entre vinhos, paisagens incríveis e experiências únicas, ele e a esposa, Márcia Ribeiro, aproveitaram o melhor do enoturismo, com destaque para a visita à Bodega Zuccardi Valle de Uco

OFICINA DE CHOCOLATES

Com o tema “Feita para Partilhar”, a Páscoa do Empório Fribal propõe valorizar momentos de convivência e afeto. A programação começa com a Oficina de Chocolates Artesanais, no dia 25 de março, das 19h às 22h, no Atelier Gourmet da unidade da Ponta D’Areia.

Ministrado pela chocolatier Fernanda Lisboa, da Chocolates Tapuio, o workshop vai ensinar técnicas de produção artesanal com cacau orgânico no conceito tree to bar. As vagas são limitadas e as inscrições podem ser feitas via WhatsApp, aplicativo ou na loja.



A competente e sempre alto astral dentista Michelle Ribeiro em sua clínica do Edifício Tech Office, na Avenida dos Holandeses, perímetro da Ponta d'Areia